



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Da poesia à Filosofia: dois legados gregos para a Educação<sup>43</sup>

Por: Liliane Barreira Sanchez<sup>44</sup>

[lilianesanchez@gmail.com](mailto:lilianesanchez@gmail.com)

### Resumo:

Este artigo apresenta duas propostas de formação humana em diferentes épocas: a poesia, na Grécia Arcaica e a filosofia, na Grécia Antiga, em especial, a filosofia platônica. Ambas apresentam modelos antropológicos de virtude, com características próprias, adequadas aos diferentes contextos histórico-sociais em que se inserem. A poesia de Homero centra sua abordagem na valorização do herói, que abre mão de sua vida individual para lutar pela coletividade, mas se vê enredado em suas emoções, como componentes que também influenciam suas ações e que, portanto, devem ser observadas. A poesia de Hesíodo valoriza o ideal de homem adequado ao seu tempo, às condições da vida campestre, à valorização do labor, da justiça e da honra, que devem prevalecer em qualquer situação. Ambos discursos poéticos se utilizam dos mitos como elementos centrais de suas narrativas, em consonância com a influência

---

43. Publicado originalmente em IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica, outubro/ 2016, Ano II, v. II, número IX.

44. É Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, é Mestra em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF e Graduada e Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Atua como Coordenadora de Disciplina Pedagógica pela Universidade Estácio de Sá – UNESA, na disciplina de Fundamentos da Educação I, Ensino a Distância UNESACEDERJ. É servidora pública federal, Docente do Magistério Superior, lotada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, lecionando Filosofia da Educação. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre A formação docente: os sentidos e desafios atuais nos cursos de licenciatura à distância; Os processos de avaliação nos cursos de licenciatura a distância da CEDERJ; A experiência do PIBID Pedagogia na UFRRJ; Investigando o perfil sócio-econômico dos alunos do curso de Pedagogia do campus da UFRRJ, unidade de Seropédica e seus interesses pela profissão e Investigando a experiência formativa do PIBID – UFRRJ nas escolas de Seropédica: a percepção dos professores supervisores. Atua como Coordenadora no Projeto de Pesquisa “ Investigando a experiência formativa do PIBID – UFRRJ nas escolas de Seropédica: a percepção dos professores supervisores”. É Coordenadora do Projeto de Extensão “Oficina de Filosofia na Educação Básica”. É membro do Corpo Editorial dos periódicos “Caderno Eletrônico de Ciências Sociais” e “Revisão da Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas”. Atua como Revisora dos periódicos “Educar em Revista” e “Cadernos de Cultura e Ciência”. Foi professora homenageada no curso de Pedagogia da UFRRJ em 2013. É autora de artigos científicos em periódicos nacionais. Autora e organizadora do livro “Formação de professores e EJA: experiências em ação e diálogos em construção” (2013); autora do livro “Integrando saberes: diálogos sobre a formação e a prática docente no âmbito do PIBID-UFRRJ” (2013) e “Reflexões transformativas sobre a prática docente: o olhar de aprendizes” (2013), além de coautora em vários livros entre 2004-13.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cultural que exerciam. Em um momento posterior, surge a filosofia como fruto das diversas transformações sociais e históricas e que, através de Platão, se erige como proposta formativa superior à poesia e mais adequada ao seu tempo. A *paideia* platônica valoriza a importância da filosofia e tece sua relação inevitável com a política e com a educação. Na *República*, Platão afirma a superioridade da filosofia em detrimento da poesia e justifica seus argumentos na crítica à falácia dos mitos e na relação entre a filosofia e a busca pelo conhecimento, pela verdade. Elaborando um sistema político e social ideal, Platão elege a figura do filósofo como modelo de governante, sábio, justo, guardião da virtude. Em que pesem as diferenças históricas dessas propostas formativas, apresentamo-las, cada uma, com a devida importância que tiveram para a criação de tipos antropológicos capazes de instituírem ideais de virtude em seus tempos e de servirem como inspirações formativas para as futuras gerações.

**Palavras-chave:** Poesia; Filosofia; Modelos; Educação; Virtude.

#### Resumo:

Tiu artikolo prezentas du proponojn por homa disvolviĝo en malsamaj tempoj: la poezio en Arkaika Grekio kaj Filozofio en Antikva Grekio, parte, la platona Filozofio. Ambaŭ havas antropologiaj modeloj de virto, kun ĝiaj propraj karakterizaĵoj, taŭga por la malsamaj historiaj kaj sociaj kunteksto en kiuj operacias. La poezio de Homero centras lian alproksimiĝon sur taksu la heroo kiu donas sian personan vivon batali por la komunumo, sed implikas en lia emocioj kiel komponantoj ankaŭ influu iliajn agojn kaj do devas observi. Poezio Heziodo taksas la idealo de dekstra al sia tempo, la kondiĉoj de kampara vivo, la aprezo de la laboro, justeco kaj honoro kiu devus venki en ajna situacio. Ambaŭ poeziaj diskursoj uzis de mitoj kiel kernaj elementoj de liaj historioj, en linio kun la kultura influo praktikita. En posta tempo, estas la Filozofio kiel rezulto de diversaj sociaj kaj historiaj transformoj kaj, tra Platono, estas starigita kiel formantan proponon supera al poezio kaj pli taŭga por via tempo. La platonaj *paideia* taksas la gravecon de Filozofio kaj ŝtofoj ĝia neevitebla rilato al politiko kaj edukado. En la "Respubliko", Platono asertas la superecon de Filozofio super poezio kaj pravigi liajn argumentojn en kritikante la trompo de la mitoj kaj la rilato inter Filozofio kaj la serĉo por scio, vero. Desegni optimuma socia kaj politika sistemo, Platono elektas la Filozofo figuro kiel reganto modelo, saĝa, justa, gardisto de virto. Malgraŭ la historiaj diferencoj en tiuj formaj proponoj, ni prezentas ilin ĉiu kun devita graveco devis krei idealan Antropologia tipoj povis establi virto en sia tempo kaj servi kiel formantajn inspiroj por estontaj generacioj.

**Ŝlosilvortoj:** Poezio; Filozofio; Modeloj; Edukado; Virto.

#### Abstract:

This article presents two proposals for human development at different times: the

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

poetry in Archaic Greece and philosophy in ancient Greece, in particular, the Platonic philosophy. Both have anthropological models of virtue, with its own characteristics, appropriate to the different historical and social contexts in which they operate. The poetry of Homer focuses its approach on valuing the hero who gives up his personal life to fight for the community, but is entangled in his emotions as components that also influence his actions and, therefore, must be observed. Poetry Hesiod values the ideal of the right man for his time, to the conditions of rural life, to the appreciation of labour, justice and honor that should prevail in any situation. Both poetic discourses use myths as key elements of their stories, in line with the cultural influence exerted. At a later time, emerges the philosophy as a result of various social and historical transformations and, through Plato, is erected as a formative proposal superior to poetry and more suitable to its time. The Platonic *paideia* values the importance of philosophy and weaves its inevitable relation to politics and education. In the *Republic*, Plato affirms the superiority of philosophy over poetry and justifies his arguments criticizing the fallacy of the myths and in the relationship between philosophy and the search for knowledge, for truth. Designing an ideal social and political system, Plato elects the philosopher's figure as the ruler model, wise, fair, guardian of virtue. In spite of the historical differences in these formative proposals, we present each with due importance they had to create ideal anthropological types able to establish virtue in their time and serve as formative inspirations for future generations.

**Keywords:** Poetry; Philosophy; Models; Education; Virtue.

Não se pode falar em educação na Grécia arcaica sem mencionar a grande influência da poesia épica de Homero, cujas obras celebram e enaltecem valores espirituais encarnados por heróis que servem como modelos para o desenvolvimento moral das pessoas, principalmente da classe aristocrática de seu tempo. Numa sociedade como aquela, ocupada com as constantes disputas e guerras travadas entre os territórios vizinhos, devendo seu desenvolvimento material às conquistas e explorações, o ideal guerreiro se constituía num *éthos* que nada tinha de acessório ou de excepcional, mas que, ao contrário, precisou erigir-se em valor cultural dominante.

A grande força educadora do texto homérico reside no caráter heroico de determinadas personagens e na maneira como esses homens se relacionam com seus destinos. Valendo-se dos mitos, Homero apresenta advertências, conselhos e estímulos que, ilustrados nos comportamentos de suas personagens, deveriam influenciar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

duravelmente seus leitores. Entrelaçando deuses e homens em sua trama, o grande autor épico trata de questões como honra, glória, poder, fornecendo a seu discurso uma pretensão normativa, uma validade universal que o caráter fictício de sua obra tornava exemplarmente acessível. A epopeia, com seus mitos e heróis, consagra na cultura grega um mundo de valores nobres, exemplos nitidamente endereçados às sucessivas gerações de um ideal de homem que desafia o destino em nome de objetivos elevados e do bem da coletividade.

Nesse sentido, é legítima a afirmação sustentada por tantos helenistas de que a poesia homérica possui finalidade que a situa bem além de seu inegável valor literário: mais do que o magnífico relato de lutas e batalhas que somente a força da palavra glorifica, trata-se da valorização deliberada de um modelo, a apresentação cuidadosa do sentido especial que adquiria a *areté* à época, e isso com finalidades educativas bem definidas. Por via do *épos*, instituía-se uma imagem ideal da humanidade, tal como ela deveria ser, ou aspirar ser. *areté* então se relacionava à nobreza, à aristocracia, à classe dominante. Significava força, destreza, heroísmo, coragem, sentido do dever; mas também astúcia, prudência, inteligência... enfim, valores relacionados às ações militares. O conceito de virtude estava atrelado às participações nas disputas e à vitória.

Na *Ilíada*, as atitudes pessoais de Aquiles revelam um modelo bem definido de homem, marcado por princípios éticos que estabelecem não apenas um padrão de conduta, mas também de moralidade interior. Valorizando os problemas e os conflitos que dividem o personagem, Homero constrói seu elo com os leitores, criando as condições de uma identificação que, enfatizando o lado humano, prepara a aproximação com o gesto heroico. Tomado por uma terrível cólera diante da morte do amigo, a iniciativa de Aquiles desencadeia toda uma série de acontecimentos que visam à reparação de sua dor; no entanto, o êxito da vingança não é sequer desfrutado, e já o sentimento de insatisfação se instala, diante de tantos sofrimentos e perdas e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também da insegurança em relação ao seu próprio destino. Ao mesmo tempo em que consegue satisfazer seu desejo de vingança através da morte de Heitor e de um funeral honroso para o seu amigo, Aquiles traz a dor consigo e talvez por isso mesmo consiga, paradoxalmente, se apiedar diante das súplicas de Príamo face ao cadáver de seu filho. Aquiles é um herói, um exemplo para seus companheiros de batalha: um forte, um bravo, um guerreiro invencível, mas também um ser humano cheio de dúvidas e conflitos, cheio de sentimentos controversos. A figura de Aquiles, dúbia em seu conflito e íntegra em seus atos, é um modelo ideal com que os leitores devem poder se identificar.

A importância de Homero reside no fato de que, além de descrever a realidade de seu tempo, ele fala de paixões humanas bem mais intemporais, do sentimento humano de fragilidade frente às forças da natureza e do destino, de preocupações que atravessam os séculos e permanecem até os dias de hoje. Em Homero, tanto quanto na cultura antiga, os temas éticos não instalam a formalidade de uma norma atitudinal de superfície, tanto quanto não se dirigem a uma interioridade muda, mas são a oportunidade para a determinação de uma prática, com base em um sentido do humano, de sua existência individual e coletiva.

Os poemas de Homero são animados por problemáticas éticas que se expressam sob o modo próprio da *areté*. As ações das personagens têm motivações psicológicas; seus conflitos não derivam, no entanto, da clivagem típica das subjetividades modernas, que se instalam e se resolvem em uma consciência individual, mas sim de enfrentamentos que se apresentam na manifestação de forças sobre-humanas, de intervenções entendidas como “divinas”. Como explica Jaeger (1994, p. 80), *Os deuses intervêm em toda motivação das ações humanas*. Ou seja, de certa forma eles designam o que existe de propriamente incontrolável, o que há de insondável, ainda que habitual na existência humana. O “divino” não responde, pois, pelo que nomeia a humanidade e seu ideal: mas, antes ao contrário, pelo lugar e pela



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

oportunidade em que finalmente se decide, na tênue linha de demarcação entre destino e iniciativa, o caráter de cada um. Assim, a intervenção dos deuses precipita o dilema entre destino e ação, entre a fatalidade de que não se escapa e o gesto exemplar que ao menos fornece à existência um sentido, entre o heroísmo e a simples humanidade, entre as esperanças e as culpas.

Outra fonte legítima da Grécia arcaica na qual se pode buscar os fundamentos iniciais de uma preocupação com a educação dos indivíduos e a formação humana através de modelos é a poesia de Hesíodo. Apesar das características que diferenciam os dois autores e os diferentes contextos aos quais pertencem, identifica-se claramente um objetivo comum entre eles: a questão da *areté*. Enquanto Homero tem como ponto de partida a formação de um tipo humano nobre, capaz de cultivar as qualidades dos heróis, Hesíodo enfatiza em seus escritos a importância da vida cotidiana, marcada pelo valor do trabalho. Através da luta diária do cultivo da terra, o autor enfatiza também o heroísmo e a disciplina, *qualidades de valor eterno para a formação do Homem* (JAEGER, 1994, p. 85).

Na Grécia desses tempos mais remotos, as atividades agrícola e pastoril eram a base de toda a sociedade, muito antes da navegação. Hesíodo buscou valorizar a vida campestre e o esforço de uma camada da população que precisava trabalhar para obter seu sustento: camponeses livres, ainda que absorvidos pelo labor, que se reuniam em locais públicos e discutiam os assuntos de seu interesse, criticando o que julgavam necessário e fazendo valer a opinião “do homem comum”.

O autor parte de sua própria experiência: a disputa pela herança paterna com seu irmão preguiçoso, avesso ao trabalho e esbanjador. Influenciado pelo estilo de Homero, dirige seus poemas principalmente para os homens de sua condição, necessitados de impulsos e valorações, para fazer com que a virtude de uma vida de dedicação ao trabalho possa servir como ideal de formação humana. Hesíodo também utiliza os mitos para agradar seus ouvintes. Instituição cultural central na tradição



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

grega, os mitos tratavam de todos os assuntos concernentes à existência individual e coletiva, com a singular característica de se deixarem relatar e apreender pelas numerosas versões de que se faziam objeto, seduzindo a atenção do povo e influenciando a formação espiritual dos gregos. Através do mito de Prometeu, aborda-se o problema do cansaço e do sofrimento que caracterizam o esforço pela existência, do valor da intervenção humana e de seu preço; através do mito de Pandora, aborda-se o problema da condição feminina, mas também da ambição e da vontade de saber como causa de todos os males. Sobre o poder dos mitos, diz Jaeger (1994, p.90):

Ao lado dos mitos, o povo guarda a sua antiga sabedoria prática, adquirida pela experiência imemorial de incontáveis gerações e que se compõe de conhecimentos e conselhos profissionais, e de normas morais e sociais, concentradas em fórmulas breves, de modo a permitir conservá-los na memória.

Encontra-se, na obra de Hesíodo, uma grande valorização da ideia do direito. Por conta das disputas com seu irmão, o autor pregava o valor da justiça e da boa moral, dizendo que os bens mal adquiridos nunca prosperam. Encontram-se também passagens bastante didáticas, dirigidas à instrução de seu irmão Perses, e que contêm, inclusive, máximas morais. Da mesma forma que Homero relaciona o destino de seus heróis às influências divinas, Hesíodo apresenta o desenrolar de sua ação judicial como uma luta entre poderes humanos e divinos pela vitória da justiça, com a benção de Zeus. O poeta exorta seu irmão a seguir o caminho da justiça, do bem e a deixar de lado a cobiça, a insensatez e a preguiça. Valoriza o trabalho, como necessário para prover a subsistência e abençoado pela *Éris* boa.

Na poesia de Hesíodo, percebe-se claramente a preocupação do autor com as riquezas injustamente adquiridas, bem como com a veneração dos deuses, a importância da piedade e do trabalho para a prosperidade. Valores como confiança, generosidade, persistência, dedicação, esforço, justiça, honra, estão presentes e são apresentados de tal forma, que não se pode negar o teor moralizante e pedagógico



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pretendido pelo autor. Outro aspecto que merece destaque é a valorização do ambiente natural e do contexto no qual o homem daquela época estava inserido, sempre narrado com primor, destacando a beleza estética dos cenários naturais, das paisagens, que auxiliam o homem a encontrar a felicidade ali mesmo na realidade a qual pertence. Da poesia de Homero, que valorizava uma classe aristocrata, à poesia de Hesíodo, que traz à tona a valorização de outra classe – a dos camponeses, dos trabalhadores, que se veem reconhecidos e capazes de almejar também a *areté*, partindo de um *ethos* próprio.

É no intuito educativo de Hesíodo que está a verdadeira raiz da sua poesia. Não depende do predomínio da forma épica nem da matéria como tal. Se considerarmos os poemas didáticos de Hesíodo como uma simples aplicação mais ou menos original da linguagem e formas poéticas dos rapsodos a um conteúdo que as gerações posteriores consideravam “prosaico”, surgirão dúvidas sobre o caráter poético da obra. (...) O próprio Hesíodo encontrou justificação para a sua missão poética na vontade profética de se converter em mestre do seu povo. (...) A missão educativa do poeta estava inseparavelmente ligada à forma da linguagem épica tal qual era sentida sob o influxo de Homero. Quando Hesíodo recolheu a seu modo a herança de Homero, definiu para a posteridade, transpondo os limites da mera poesia didática, a essência da criação poética no sentido social, educador e construtivo. (JAEGER, 1994, p. 104)

Hesíodo pretende, explicitamente, falar para o coletivo, para o público, da mesma forma que pretende, também, *revelar a verdade*, conforme o prefácio da *Teogonia*. Isso se dá também nos *Trabalho e os dias*, onde a pretensão de revelação da verdade volta-se para a relação com seu irmão. Percebe-se claramente a função por ele assumida de “guia”, “condutor” do Homem, que aponta a direção correta a ser seguida e os valores da vida e do mundo a serem ensinados. Essa pretensão de trazer à tona a verdade, por si só, revela o caráter normativo de sua obra, carregada de intenções explícitas no tocante à formação ética dos cidadãos de seu tempo, que se dá também através de exemplos de comportamentos virtuosos, erigindo, então, um modelo a ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seguido.

Apesar de possuírem concepções de mundo bastante diferentes, estes dois autores buscam uma forma semelhante para legitimá-las: através de um trabalho de interpretação dos mitos, através da apresentação de determinadas personagens-modelos elaboradas com um fim bem preciso: a transmissão de um ideal de homem, de uma *areté*. Os mitos, tanto em Homero quanto em Hesíodo, possuem a função de expressar uma verdade que deve ser transmitida a todos, de um modelo que serve de advertência ou de conselho. Encontra-se em ambos uma espécie de prática pedagógica que, amparada em uma inegável riqueza de estilo poético e renovando o recurso aos mitos, foi capaz de influenciar duravelmente sua época; e que, para nós, se apresenta como referência para estudos sobre educação e ética.

Alguns séculos depois, o advento da democracia, a experiência política da criação das leis e da administração da cidade passa a constituir a parte mais importante da vida de um cidadão e não por acaso se faz o centro não só de todo o pensamento filosófico, mas da rica reflexão educacional que esse pensamento suscitou, no período conhecido como Grécia Antiga. Nesse momento, a *areté* já não designa um ideal coletivo de vida privada, não põe mais em valor a honra individual, mas se estabelece como projeto de participação ativa na vida comum, como manifestação primeira do dever cívico que pesa sobre cada cidadão de, fazendo-se um com a *pólis*, ser pessoalmente responsável pelo destino de todos. Eis como a formação humana no espaço democrático, correspondendo a um novo projeto de sociedade, se relacionou com um novo ideal de *areté*. Esse ideal, *grosso modo*, significou uma ruptura com a tradição que, de Homero a Hesíodo, dignificou a exemplaridade e estabeleceu modelos individuais de heróis de nobreza inatingível, fontes distantes de inspiração para os demais; mas também alimentou-se da experiência histórica da cultura grega, que há muito entendera que a vida coletiva depende da coincidência entre “as belas palavras” e “as belas ações”: ideal heroico no período arcaico, essa harmonia, como lembra



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Arendt (2003, p.188-193), se torna absolutamente humana em um regime em que as palavras têm a força instituinte do gesto, no regime em que a palavra, feita ação, finalmente é prática de instituição.

Castoriadis diz que a interrogação sobre a justiça nasce na Grécia, no processo em que concomitantemente se institui, tanto a reflexão filosófica, quanto a deliberação democrática (1987, p. 279). Foi o contexto em que a educação comum, a *paidéia* democrática, se fez condição indispensável para a construção da vida pública, para a prática do novo projeto de sociedade. Se na época arcaica a educação estava a cargo dos poetas, é com a filosofia que ela se torna atividade política, que dominará a reflexão da Antiguidade. É nesta época que o conceito de *paidéia* ganha importância e amplia seu significado, relacionando-se à *areté* e a *kalokagathia*. Sem que se possa dizer que o conceito de *areté* rompeu inteiramente com as pretensões educativas anteriores, deve-se reconhecer que, a partir da invenção democrática, a educação passa a estar voltada para um novo ideal de *areté*: aquela que é própria do cidadão, do homem que participa diretamente da construção do público.

Foi das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a ideia da educação, que reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação de homens, e a pôs a serviço dessa tarefa (JAEGER, 1994, p. 337)

Oriundo de um desdobramento do ideal socrático, o modelo platônico de homem e de sociedade consolida a inseparabilidade entre filosofia e educação ética, entre reflexão filosófica e formação dos cidadãos – ao menos tal como a educação e a formação ou, em uma palavra, a *paidéia* foi praticada no contexto democrático. Se o conceito de *areté* deve à tradição arcaica sua origem e boa parte de seu significado, em Platão ele é, de certa forma, inteiramente redefinido a partir de uma concepção da interioridade humana, e tendo em vista a crítica do projeto político de seu tempo. Apesar de situar-se no contexto da *pólis* grega, marcada pela valorização da vida pública e dos sentidos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

por ela instituídos, o pensamento platônico sobre o homem e a sociedade servirá, posteriormente, como base para o desenvolvimento de outro ideal de formação ética – em que não somente ganha espaço, mas é inclusive acentuada a dimensão da vida privada. É esse ideal que, inspirando principalmente os chamados “neoplatônicos”, influenciará fortemente o pensamento medieval.

Como um legítimo grego de sua época, Platão dedicou seu interesse às questões políticas, relacionando-as ao exame da essência da *areté* e da *paidéia*. Dentre suas várias obras, destacaremos uma que deve ser ressaltada por abordar de forma especialmente expressiva as temáticas que nos propomos analisar: *A República*. Nela, Platão trabalha com a questão da aquisição do verdadeiro conhecimento, formalizando um projeto político no qual se delineia seu ideal de homem virtuoso. Ele alça a filosofia ao topo do processo formativo e educador do homem, fazendo do filósofo também um modelo.

Na *República*, ficam explícitas as intenções pedagógicas do autor, que busca demonstrar que o conhecimento do Bem é a suprema virtude a que pode aspirar o humano. Platão quer, assim, provar ser a filosofia a via régia para se alcançar tal conhecimento, ao qual deve ser dedicada toda a vida dos cidadãos. Os filósofos são aqueles que, nesse caminho, podem ir mais longe, logrando aproximar-se do conhecimento do Bem: eles conheceriam, portanto, melhor do que ninguém o que é necessário para a sociedade humana, aquilo que deve ser a meta da vida de cada homem. Sua preocupação frequentemente revelada é com a “virtude cívica”, da qual depende o valor de toda a *pólis*. Vivendo num período político conturbado, Platão criticava os aspectos que considerava moralmente negativos na sociedade de sua época e depositava todas as suas esperanças no poder educativo de uma *pólis* ideal, na qual os governantes seriam, evidentemente, filósofos.

A doutrina platônica encerra tanto uma dimensão ético-política quanto metafísica. Sua problemática é a do conhecimento da essência da virtude, do Bem,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

para a construção de uma sociedade ideal. Platão se preocupa com a natureza humana e aborda a questão do poder em relação ao seu próprio ideal de *paidéia* e de *areté*. Sobre a concepção platônica dos conceitos de poder e *paidéia*, Jaeger (1994, p.660) diz:

Embora estes conceitos não tenham, aparentemente, quaisquer relações um com o outro, eles representam para Platão, (...), duas concepções antagônicas da felicidade humana, que é o mesmo que dizer da natureza humana. Temos de optar entre a filosofia do poder e a filosofia da educação. (...) Não se trata de uma simples estação de trânsito na evolução do Homem e em que desabrocham determinados dotes de seu espírito, mas tem importância muito maior, pois exprime o aperfeiçoamento geral do Homem, conforme o destino da sua própria natureza. A filosofia do poder é uma doutrina baseada na violência. Em toda parte, na natureza e na vida do Homem, vê luta e opressão, e por isso considera sancionada a violência. O seu sentido e razão de ser só se pode estribar na obtenção do máximo poder que seja alcançável. A filosofia da educação, ao contrário, aponta ao Homem outro objetivo, o da *kalokagathia*. Platão define a essência desta filosofia por oposição à injustiça e à maldade; concebe-a, portanto, em sentido essencialmente ético. Todavia, a formação humana com base na *kalokagathia* não é de modo nenhum para ele algo que se oponha à natureza; corresponde, sim, a uma concepção diferente da natureza humana, que Sócrates desenvolve minuciosamente. É aqui que se revela o fundamento da sua crítica da retórica. Segundo esta concepção, não é a violência, mas sim a cultura, a *paidéia*, que constitui o verdadeiro sentido da natureza humana.

A metafísica platônica compreende uma definição de natureza perfeita, na qual a *areté* se realiza em sua essência. Dessa forma, Platão entende que o poder deve também encarnar o Bem para que mereça ser aspirado. Isso significa uma crítica a algumas concepções de poder de sua época e também a algumas formas de exercê-lo. O verdadeiro governante deve, primeiramente, governar a si próprio. Essa crítica platônica consiste em basear o poder no uso da razão – que somente ela conduzirá ao conhecimento do Bem supremo e verdadeiro. Por isso, Platão entende que se alguém aspira ou pratica algo mal ou nocivo, assim o faz por completa ignorância, já que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

segundo o filósofo deve ser impossível conhecer o Bem e não o desejar, praticando o seu oposto. Da mesma forma, ele trata a questão dos meios e dos fins: o importante é a finalidade dos atos, o porquê de uma ação, que deve sempre encerrar a busca pelo que é bom e salutar.

Para Platão, a *paidéia* se dá durante toda a vida do homem, num esforço constante de libertação da ignorância e busca do conhecimento. Por isso, ele irá propor que o governante seja um filósofo, capaz de educar verdadeiramente os homens, já que a virtude é uma espécie de Saber. Essa sua proposta se constrói também através de um modelo de homem-filósofo que ele carrega consigo como sendo a encarnação de um ideal: Sócrates, sua grande figura de mestre. Mas, não podemos esquecer que o interesse de Platão está voltado para a questão da *pólis*, para a política. Por isso, na *República*, o autor expõe com clareza o seu ideal de sociedade e sua relação com a problemática ética.

Trata-se da criação de um tipo elevado de Homem, de uma preocupação com a constituição da alma humana e com a criação de um modelo perfeito de comunidade. Platão vai buscar as origens da justiça, da virtude, da *areté* dentro da alma humana. Novamente aqui o autor trata da questão do poder e da educação. O comportamento justo é problematizado em relação ao seu aspecto essencial, natural e verdadeiro em contraposição ao seu aspecto artificial, fabricado, forjado, obediente às normas e ao controle apenas por submissão ou medo de punições. A justiça é problematizada em seu aspecto essencial e em seu aspecto utilitário, contraposta à questão da alma humana e da educação. Platão eleva esta questão ao mais alto patamar, situando-a ao lado da interrogação sobre o verdadeiro sentido da vida, sobre o sentido da felicidade.

Nessa obra, Platão expõe claramente sua teoria metafísica sobre a essência da *areté* e a constituição da alma humana, fazendo dela um modelo para a inspiração de uma sociedade ideal. Nesta sociedade, cada qual tem um papel a desempenhar, uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

função a cumprir, para manter a harmonia do conjunto e os cidadãos precisam cooperar entre si. Desta forma, tanto os artesões como os guardiões precisam exercer com excelência suas funções, estes últimos merecendo destaque por encarnarem em si próprios o modelo grego já há muito valorado de *areté*. Sendo assim, a seleção e a educação dos guardiões merecerão todo o cuidado e rigor: eles devem constituir-se por suas aptidões físicas, a agudeza de suas percepções sensoriais, a valentia e a bravura e ao mesmo tempo a cordialidade e a cortesia. Sua educação deve abranger toda a formação de sua alma, começando pelo estudo da música, que trata de harmonia e do *logos*. Dessa forma, Platão reafirma o valor educativo da palavra, bem como a problemática da verdade/falsidade dos discursos.

O autor também ressalta a importância da educação desde a infância, por considerar que é a época em que se molda o caráter do homem. Ele ressalta também a importância dos mitos e o perigo de se contar determinadas histórias às crianças, propondo que tal atitude seja severamente vigiada, por deixar profundas impressões em suas almas, capazes de influenciar toda as suas formações. Desta forma, ele situa em dois campos opostos a poesia e a filosofia, reservando para esta última um lugar de destaque em sua *paidéia*, identificando-a com o conhecimento da verdade.

Apesar de ser considerado como aquele que introduz a questão da interioridade da vida humana na cultura ocidental, como atesta Panaccio (1998, p. 30), Platão, como bom grego antigo, considera sempre o homem voltado para a comunidade política. O autor vê o homem ideal não como um ser que se isola em sua essência interior, mas como alguém capaz de adequar essa essência ao convívio político, sendo responsável pela construção do mundo ideal no qual deve habitar, de acordo com o desempenho de sua função específica na sociedade e sendo também educado por este mundo ideal, desde sua mais tenra infância. Para que este mundo ideal possa educar bem os seus cidadãos, ele precisa ser governado por verdadeiros “educadores”. Esses governantes deverão ser escolhidos mediante rígidos critérios.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Submeter-se-ão à observação e exame incessantes, desde a infância, para que se verifiquem quais são os guardiões que mais se destacam em relação às qualidades de sabedoria necessárias para um bom governante, que deve sempre ter como maior preocupação o bem comum, além de possuir caráter incorruptível e autodomínio, que serão sempre postos à prova. Nesse processo de escolha, fica claro que Platão investe e acredita na educação, mas que também valoriza a natureza essencial de cada homem, bem como será com base nessa diferenciação que ele construirá o sistema hierárquico de sua sociedade ideal e seu modelo de homem virtuoso.

A fé que Platão deposita na educação, na *paidéia*, é tamanha, a ponto de elaborar todo um sistema social baseado nela. Para ele, o seu ideal de *paidéia* é a solução para os problemas que vislumbra na sociedade de seu tempo. O seu modelo de homem perfeito é o governante que é produto dessa educação e, ao mesmo tempo, o grande educador de toda a *pólis*. Sua vida deve caracterizar-se pela sobriedade, severidade e pobreza. Ele deve abster-se de qualquer dimensão privada, levando uma existência essencialmente pública. Seu sustento provém da própria *pólis* e não lhe é permitido o direito à aquisição de propriedades. Sua função é zelar pela felicidade de todos. Para atingir tal ideal de homem e também de sociedade, Platão aposta todas as suas fichas na educação. Para ele, uma boa educação tornará possível uma comunidade de homens excelentes, comprometidos com esse ideal e capazes de superarem seus antecessores, num processo de depuração crescente. Desta forma, a educação se sobrepõe às leis, que deixarão até de se fazerem sentir necessárias, pois o homem não estaria fazendo nada mais do que obedecer a sua inclinação natural, como ser social e moral.

Unindo seu ideal de essência da natureza humana, de *areté* e o significado da vida política no contexto da Grécia antiga, através da educação, a *República* traz a ideia de que apenas no contexto de uma comunidade ideal pode se formar o cidadão ideal e, em contrapartida, de que a formação da comunidade ideal está relacionada à formação



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de cidadãos ideais. Inspirado na figura de seu mestre e tendo sempre a *paidéia* como sustentação desse ideal, Platão ergue a filosofia ao patamar de redentora da humanidade e escolhe o modelo do filósofo para compor as características fundamentais do governante ideal: o *kaloskagathos*. O conhecimento do que é bom em si é uma característica essencial do filósofo, que deve receber uma educação especial para poder desenvolver as características que lhe serão necessárias.

O “filósofo-governante” deve possuir um caráter inabalável e firme, deve desenvolver os mais altos dons espirituais e possuir o conhecimento do Bem, que, na concepção platônica, é algo que surge como uma norma universal, relacionada à filosofia, ao exame e ao controle de si. O Bem é o Belo, o Belo em si, a Felicidade, a identidade da *areté* platônica, que deve ser a finalidade divina de todo Ser. Nesse sentido, é metafísico o conceito de *areté* em Platão. Porém, ao relacioná-lo à *paidéia* e a função educativa do governante, o sentido torna-se também político. A meta a ser atingida pelo Homem na busca desse conhecimento supremo do Bem está vinculada às suas ações na comunidade em que vive, às atitudes adequadas que ele deve ter.

Esse grande educador que será o filósofo-governante deve desenvolver a argúcia, a facilidade de compreensão, a memória e a tenacidade. Não pode sucumbir facilmente à fadiga física, nem se acostumar a meias-verdades. Precisa possuir uma alma tão sã quanto seu corpo e estar apto para a prática da dialética, que orienta a busca pelo Conhecimento, e está na base da filosofia platônica. Sua formação deve começar na infância, respeitando os limites de cada fase de seu desenvolvimento e jamais usando o método da coação. Sua duração é muito longa, reservando o desenvolvimento da alma e da dialética para as etapas posteriores. O conhecimento do Bem depende do desenvolvimento da dialética, da observação, da investigação e do exame constantes, que consistirão numa transformação, num aperfeiçoamento do Homem. A *paidéia* platônica tem como meta formar esse governante, esse ideal de Homem, de *areté*, que implicará na formação ética de todos os cidadãos, através da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

própria *paidéia*. Platão elabora um projeto bastante ambicioso, que no fundo ele sabe ser utópico: a transformação da *pólis*, a criação de uma *pólis* ideal.

Para Platão, a vida filosófica é a forma suprema da *eudaimonia*. Como diz Jaeger (1994, p. 968), *a verdadeira felicidade é só aquilo que o filósofo louva*. Sendo assim, o ideal filosófico de vida, torna-se o modelo humano de viver e isso o levará, ainda na *República*, a contrapor o valor educativo da filosofia à poesia, fazendo uma crítica à segunda, na contramão dos valores culturais de sua época. Uma das objeções que Platão fará à poesia será por considerar que ela não se dirige à razão, mas sim às paixões humanas, sendo, portanto, contrária ao ideal de educação platônico. Este concebe o desenvolvimento pleno da alma humana no tocante à razão, ao conhecimento do Bem supremo, ao domínio das paixões, à obediência às leis. Sendo assim, a poesia que lida e estimula a parte emotiva, dos afetos, distanciaria o Homem de sua verdadeira *areté*. Platão dirá ainda, sobre a poesia, que ela corrompe o Homem e seus juízos de valor, por enredar o ouvinte em sua trama e fazer com que este se deixe levar mais pelos sentimentos do que pela razão e negará a Homero a função normalmente a ele atribuída: a de educador, reconhecendo seu valor de grande poeta, mas dentro dos limites que concede à poesia. A figura do educador passará a ser a do filósofo, governante e mestre, encarnação viva da *areté*, do conhecimento. E, também por isso, no futuro, alguns intérpretes de Platão o considerarão como o primeiro a dividir o homem em alma e corpo, cognição e sensação.

Apesar das diferenças vistas entre os autores aqui abordados – Homero, Hesíodo e Platão – em contextos históricos distintos – Grécia arcaica e antiga – e entre a poesia e a filosofia, identificamos um elo possível a eles – e a elas – sua função educativa e a busca por um ideal de homem virtuoso.

No período arcaico, o modelo de virtude do herói - Aquiles, apresentado por Homero - centrada na figura de um indivíduo guerreiro capaz de se sacrificar pela sua pátria, não se presta a qualquer tipo de contestação. Apesar de caracterizar uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

educação ética voltada para uma *idealidade*, o modelo elaborado vai ao encontro das necessidades estabelecidas por aquela sociedade, enaltecendo como valores aqueles que representam as qualidades do guerreiro. No modelo do herói, esses valores estão estampados de forma mais nítida, mais ampliada, mais forte, por isso o homem virtuoso se destaca, se diferencia dos demais. O modelo de virtude é “personalizado”, porém direcionado para os interesses da coletividade, pois o herói é alguém que serve ao seu povo e que inspira, justifica e enobrece as ações guerreiras.

Com Hesíodo, existe uma tentativa de aproximar o ideal de virtude do homem real, do trabalhador, do camponês, pois se valorizam as qualidades relacionadas à honestidade, à integridade e aos esforços de uma vida dedicada ao trabalho, à disciplina, à persistência. Características que ainda dependem do aperfeiçoamento de cada indivíduo, apesar de também dizerem respeito às relações que ele estabelece com seus semelhantes e com a sociedade. Hesíodo, mais do que uma alternativa ao modelo do guerreiro nobre, é o contraponto necessário, que permite que a idealidade do *aner* grego se mantenha.

Sob a influência platônica, instaura-se um modelo de virtude que relaciona o exame de si à idealidade de um Bem supremo, uma espécie de sabedoria a ser encontrada, mas que é um tipo de instância metafísica, ao alcance de poucos. O modelo do filósofo como cidadão mais virtuoso e governante dos outros limita o alcance pleno do ideal de virtude para todos, instaurando uma desigualdade que também reforça a questão da individualidade na formação ética. A virtude volta a ser *idealidade* (o bem supremo), desencarnada, tornando-se distante dos fatos da vida real, da vida concreta dos seres humanos, e por isso também difícil de ser alcançada. Existe a idealização de um modelo de homem virtuoso que se oferece como figura de comparação/inspiração (o filósofo).

Ainda que esses modelos de virtude enaltecidos pela poesia e pela filosofia sirvam para o coletivo, eles se prestam à composição de um tipo humano que irá se



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

relacionar com seus semelhantes nos diferentes contextos sociais nos quais se inserem, portanto, encarnando diferentes características. Na democracia, com a vida cívica como atividade política (da *pólis*), a diferença se estabelece pelo questionamento sobre as certezas instituídas e a deliberação coletiva, que se realiza na *paidéia* como meio e fim da formação ética. É essa interrogação a respeito dos valores instituídos, o exame das causas e consequências, dos meios e dos fins, a chamada “deliberação coletiva e pública” sobre a vida cívica no contexto democrático, que assegura uma dimensão aberta e plural da formação ética e marca a distinção das propostas educativas da poesia e da filosofia gregas.

### Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Encruzilhadas do Labirinto II: os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JAEGER, Werner. ***Paidéia: a formação do homem grego***. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PANACCIO, Claude. ***Le Discours intérieur. De Platon à Guillaume d'Ockham***. Paris: Seuil, 1998.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2000.